



**PET Indígena**

24 de agosto de 2020 · 🌐



Me chamo Jeilso Orlando Batista, sou indígena, meu povo é o povo Palikur-Arukwayene, meu clã é wakavuyene, tenho 25 anos, moro na Aldeia Kumenê, atualmente sou Agente Indígena de Saúde (AIS). Eu fui capacitado como microscopista do DSEI-Norte do Pará para examinar lâmina e dar diagnóstico de malária vivax ou falciparum, e outras doenças que eu fui capacitado para ajudar meu povo Palikur. Mas em 2020 ouvimos falar de uma doença mais perigosa, ouvimos falar pelas notícias da TV, do WhatsApp e Facebook.

Eu fiquei muito assustado com o meu povo Palikur, porque é muita dificuldade para eles usar máscaras. Nós do Posto, do Pólo Base Kumenê, pensamos como orientar nosso povo Palikur sobre essa doença, o coronavírus. Vieram profissionais para me orientar, enquanto Agente de Saúde, e também os outros que trabalham no Pólo Base Kumenê.

Eu tive que orientar muito meu povo Palikur, orientar como se proteger, a usar máscaras e a lavar bem as mãos. Orientei a não sair da aldeia, disse para ficar em isolamento na aldeia. Eu tenho muita preocupação com as crianças, os idosos, hipertensos e diabéticos. Eu fui falar com o cacique para ele fazer reunião com a comunidade, para todos ficarem em isolamento um mês. Como meu povo Palikur é resistente, eles foram reclamar com o cacique, eles queriam ir comprar alimentos para a família deles na cidade. Assim, quando percebemos, o vírus já estava na comunidade.

Eu me preocupei muito com minha família! Depois de uma semana minha mãe pegou o coronavírus, meu pai também pegou coronavírus. Eu conversei muito com minha família, meu irmão e minha irmã, para usar as máscaras e lavar as mãos. Eu fiz remédios caseiros para meus pais e deu certo, minha mãe e meu pai melhoraram muito.

Aí as pessoas de fora vieram ajudar a gente por causa do coronavírus, médico e enfermeiros vieram aqui na aldeia fazer uma ação. Eram quinze pessoas, pessoas brancas que vieram ajudar a gente por causa do coronavírus. Ficamos alertas na aldeia, ficamos alertas para identificar os pacientes, quem estava com o vírus. Andamos pela aldeia Kumenê um mês, dois meses nós andamos sem parar, para atender os doentes. Junto com os outros profissionais do Pólo Base Kumenê, nós descobrimos que mais de 90% das pessoas da Aldeia Kumenê foram infectadas. São muitas pessoas! Aqui nós ficamos com o enfermeiro, o médico e os agentes de saúde em alerta, principalmente em relação aos idosos, diabéticos, gestantes e crianças.

Eu e meus parceiros do trabalho reforçamos muito o atendimento à comunidade, passamos a fazer mais visitas nas casas. Visitamos mais idosos, diabéticos e hipertensos, também visitamos as aldeias próximas, que também foram infectadas pelo coronavírus. Meu povo Palikur fez remédios caseiros, também usamos no Pólo Base Kumenê dipirona, paracetamol e azitromicina. Agradeço a Deus porque não tivemos muitas mortes, Deus abençoou o povo Palikur e estamos conseguindo vencer essa doença. Essa é a minha palavra que deixo para vocês.

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil  
23 de agosto de 2020  
Relato recebido em áudio e transcrito por Elissandra Barros

[#OPETNãopara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)  
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Je m'appelle Jeilso Orlando Batista, je suis indigène, mon peuple est le peuple Palikur-Arukwayene, mon clan est Wakavuyene, j'ai 25 ans, je vis dans le Village Kumenê, actuellement je suis Agent Indigène de Santé (AIS). J'ai la fonction d'agent de laboratoire du DSEI-Nord de Pará pour examiner les lames et donner le diagnostic du paludisme vivax ou falciparum, et d'autres maladies que je peux identifier afin d'aider mon peuple Palikur. Mais en 2020, nous avons entendu parler d'une maladie très dangereuse, nous en avons entendu parler grâce aux informations de la TV, de Whatsapp et Facebook.

J'ai eu très peur pour mon peuple Palikur, parce que c'est très difficile pour eux d'utiliser des masques. Nous du Poste, du Pôle de Base de Kumenê, nous pensons à comment orienter notre peuple Palikur par rapport à cette maladie, le coronavirus. Des professionnels sont venus pour m'orienter, en tant que Agent de Santé, et les autres aussi qui travaillent au Pôle de Base de Kumenê.

J'ai dû beaucoup orienter mon peuple Palikur, orienter sur comment se protéger, orienter à utiliser des masques et à bien laver les mains. J'ai orienté à ne pas sortir du village, j'ai dit de rester en isolement dans le village. Je suis beaucoup préoccupé pour les enfants, les vieux, les hypertendus et diabétiques. Je suis allé parler avec le Chef afin qu'il puisse faire une réunion avec la communauté, afin que tous restent en isolement pendant un mois. Comme mon peuple Palikur est résistant, ils sont allés réclamer avec le chef, ils voulaient aller acheter des aliments pour leurs familles en ville. Alors, quand nous nous en sommes aperçus, le virus était déjà dans la communauté.

J'ai été très inquiet pour ma famille ! Après une semaine, ma mère a eu le coronavirus, mon père aussi a eu le coronavirus. J'ai beaucoup parlé avec ma famille, mon frère et ma soeur, pour qu'ils utilisent les masques et lavent les mains. J'ai fais des remèdes maison pour mes parents et cela a marché, la santé de ma mère et mon père s'est beaucoup améliorée.

Les personnes de l'extérieur sont venues nous aider à cause du coronavirus, médecin et infirmiers sont venus ici dans le village faire une action. Ils étaient 15 personnes, des personnes blanches qui sont venues nous aider à cause du coronavirus. Nous sommes restés en alerte dans le village, nous sommes restés en alerte afin d'identifier les patients ; qui avait le virus. Nous avons parcouru le village Kumenê pendant un mois, deux mois que nous le parcourons sans arrêt, pour consulter les malades. Ensemble avec les autres professionnels du Pôle de Base de Kumenê, nous avons découvert que plus de 90% des personnes du Village de Kumenê ont été infectées. C'est un grand nombre de personnes ! Ici nous sommes restés avec l'infirmier, le médecin et les agents de santé en alerte, principalement en relation avec les vieux, les diabétiques, femmes enceintes et enfants.

Mes collègues de travail et moi avons beaucoup renforcé la consultation dans la communauté, nous sommes passés à faire plus de visites dans les maisons. Nous avons visité plus de vieux, diabétiques et hypertendus, nous avons aussi visité les villages voisins, qui ont été aussi infectés par le coronavirus. Mon peuple Palikur a fait des remèdes maison, nous avons aussi utilisé au Pôle de Base de Kumenê du dipirona, paracétamol et azithromycine. Je remercie Dieu parce que nous n'avons pas eu beaucoup de morts, Dieu a béni le peuple Palikur et nous arrivons à vaincre cette maladie. Ceci est mon récit que je vous laisse.

Village Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brésil  
23 Août 2020  
Récit reçu en audio et transcrit par Elissandra Barros  
Traduit par Manuella Adèle Fifamê CHOKKI

[#OPETNãopara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)  
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

My name is Jeilso Orlando Batista, I am an indigenous man, I belong to the Palikur-Arukwayene people, my clan is Wakavuyene, I'm 25 years old, I live in Kumenê Village and I am currently working as an Indigenous Health Agent (AIS). I was trained to be a microscopist at DSEI-Norte do Pará to examine slides and diagnose vivax malaria or falciparum, and many other diseases that I was taught to help my Palikur people. But in 2020 we learned about a more dangerous disease, we saw it on TV, WhatsApp and Facebook.

I was very concerned about my Palikur people, because it's hard for them to wear masks. At Kumenê's Health Center, We thought on how to guide our Palikur people about this new disease, the coronavirus. Some health professionals came in order guide me, as a Health Agent, and also other people who work with me.

So I gave my Palikur people a lot of instructions on how to protect themselves, how to wear the masks and how to wash hands properly. I instructed them not to leave the village, I told them to follow social isolation in the village. I worried a lot about children, the elderly, hypertensive and diabetics. I asked the chief for a community meeting to tell everyone to be in isolation for a month. As my Palikur people are resistant, they complained about it to the chief, they wanted to go the city to buy food for their families. So, in a blink of an eye, the virus was already in the community.

I worried a lot about my family! After a week my mother got infected, my dad also got the coronavirus. I talked a lot with my family, my brother and my sister, to always wear the masks and wash their hands. I made our traditional remedies for my parents and it worked, my mom and dad improved a lot.

Then people from outside the village came in order to help us on this issue, a doctor and nurses came to our village to take action. They were fifteen white people who came with this purpose. We were alert, we were ready to identify the patients who had the virus. We walked through Kumenê village for a month, two months, non-stop, to care of the sick ones. With the help of health professionals at Kumenê's Health Center, we found out that over 90% of people in our Village were infected. It's a lot of people! Here we are alert with the nurse, the doctor and the health agents, especially in relation to the elderly, diabetics, pregnant women and children. My work colleagues and I reinforced the attendance to the community, we started to pay more visits to the houses. We visited elderly, diabetic and hypertensive people more often, we also visited the nearby villages, which population were also infected with the coronavirus. My Palikur people made remedies, we also used dipyrone, paracetamol and azithromycin at Kumenê's Health Center. I thank God that we haven't had many deaths, God has blessed the Palikur people and we are now able to overcome this disease. That's all I have to tell you.

Kumenê Village, Oiapoque, Amapá, Brazil.  
August 23rd, 2020.

Report received in audio and transcribed into text by Elissandra Barros.  
Translated by Ydoreh Gomes Borges.

[#OPETNãopara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)  
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Mi nombre es Jeilso Orlando Batista, soy indígena, mi pueblo es el pueblo Palikur-Arukwayene, mi clan es wakavuyene, tengo 25 años, vivo en la aldea de Kumenê, actualmente soy agente de salud indígena (AIS). Fui capacitado como microscopista de la DSEI-Norte do Pará para examinar el deslaminamiento y diagnosticar la malaria vivax o paludismo, y otras enfermedades, entrenado para ayudar a mi pueblo Palikur. Pero en 2020 nos enteramos de una enfermedad más peligrosa, nos enteramos por las noticias de la televisión, WhatsApp y Facebook.

Tenia mucho miedo de mi gente Palikur porque es muy difícil para ellos usar máscaras. Nosotros, en el Puesto de Salud, el Centro de Salud Kumenê, pensamos en cómo guiar a nuestro pueblo Palikur sobre esta enfermedad, el coronavirus. Los profesionales han venido a guiarme, como agente de salud, y también a los otros que trabajan en Kumenê.

Tuve que orientar mucho a mi gente Palikur, de cómo se proteger, a usar máscaras y lavarse bien las manos. Les dije que no salieran del pueblo, que permanecieran en aislamiento en la aldea. Tengo mucha preocupación por los niños, ancianos, hipertensos y diabéticos. Fui a hablar con el jefe para que pudiera reunirse con la comunidad, para que todos pudieran estar aislados durante un mes. Como mi gente Palikur es resiliente, se quejaban al jefe, querían ir a comprar comida para su familia en la ciudad. Así que para cuando nos dimos cuenta, el virus ya estaba en la comunidad.

¡Me importaba mucho mi familia! Después de una semana mi madre se contagió por el coronavirus, mi padre también contrajo. Hablé mucho con mi familia, mi hermano y mi hermana, para usar las máscaras y lavarse las manos. Hice remedios caseros para mis padres y funcionó, mi mamá y mi papá mejoraron mucho.

Entonces la gente de afuera vinieron a ayudarnos debido al coronavirus, el médico y las enfermeras vinieron aquí en el pueblo para hacer una acción. Había 15 personas, que vinieron a ayudarnos a causa del coronavirus. Estábamos alerta en el pueblo, para identificar a los pacientes, que tenían el virus. Caminamos por la aldea de Kumenê durante un mes, dos meses caminamos sin parar para ver a los enfermos. Junto con los otros profesionales del Centro de Salud de Kumenê, encontramos que, más del 90% de las personas en la aldea de Kumenê estaban infectadas. ¡Es mucha gente! Aquí nos quedamos con la enfermera, el médico y los agentes de salud en alerta, especialmente en relación con los ancianos, diabéticos, mujeres embarazadas y niños.

Mis compañeros de trabajo y yo hemos fortalecido enormemente el servicio a la comunidad, comenzamos a hacer más visitas en las casas. Visitamos a personas mayores, diabéticas e hipertensas, también visitamos las aldeas cercanas, que también estaban infectadas por el coronavirus. Mi gente Palikur hizo remedios caseros, también usamos en el Centro de Salud Kumenê dipyrone, paracetamol y azitromicina. Doy gracias a Dios porque no hemos tenido muchas muertes, Dios ha bendecido al pueblo Palikur y estamos logrando superar esta enfermedad. Esa es mi palabra que te dejo a ustedes.

Aldea Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil  
23 de agosto de 2020

Relato recibido en audio y transcrito por Elissandra Barros  
Traducido por Carlos Armando Reyes Flores

[#OPETNãopara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)  
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

